



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário
HEKADEMEIA

07

Nossa Literatura

INFANTO JUVENIL

Vol. 2 - No. 5 – Joinville, maio de 2017

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Hekademeia Vol. 2, No. 5

SUMÁRIO

Carlos Adauto Vieira – Conto O Anjinho guloso	5
Jura Arruda – Livro “Um Sapo chamado Fritz”	11
Else Sant’Anna Brum – Contos diversos	23
Milton Maciel – Livro “A Princesinha quer dançar”	37

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este sétimo número de Hekademeia apresenta trabalhos de nossos acadêmicos que se destacam com textos de literatura Infantojuvenil. O número um publicou textos dos nossos acadêmicos cronistas. E o número dois, dos nossos acadêmicos contistas. O três, dos romancistas; o quatro dos historiadores; o cinco, das escritoras, o seis, dos juristas.

Nos número seguinte, teremos a vez dos meninos e meninas que participam atualmente do Concurso Literário “Carlos Aduato Vieira”, da AJL, para estudantes de ensino fundamental e médio.

Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Uma das missões especiais deste Suplemento é justamente trazer de volta à vida e tornar outra vez disponíveis as produções literárias das dezenas de brilhantes intelectuais que nos precederam na história. Para exemplificar, um de nossos patronos teve mais de 100 livros publicados em vida. Este encontro especial do presente com o passado reviverá como nunca o conceito de IMORTALIDADE de nossas acadêmicas e acadêmicos.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485, onde ocupa o terceiro andar.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL, as sessões solenes de posse e eventos maiores.

CARLOS ADAUTO VIEIRA



Um dos fundadores da Academia Joinvilense de Letras em 1969 e seu presidente de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história.

É colunista de A Notícia desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof e Carl Julius Parucker; da reedição da “História de Joinville” de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros: “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D ‘Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville

O ANJINHO GULOSO

Charles D'Olengèr/ Charlot/Carlos Aداuto Vieira

Quando CADU nasceu, o Senhor chamou Theodomiرو, o anjo.

– Chegou a tua hora de seres anjo da guarda de um menino recém nascido na terra. Tás pronto, Theodomiرو, para essa missão?

– Senhor, obedeço à sua vontade. Fui programado durante estes séculos todos para cumprir a nossa maior missão: ser anjo da guarda.

O Senhor examinou-o dos pés à cabeça.

Era um belo anjo. Cabelos louros encaracolados; olhos azuis; pele alva e macia, imberbe; pescoço fino; ombros largos; tórax musculoso; cintura fina; 1.85 de altura, pernas retas; pés firmes. Anjo atleta, bronzado de surfar nas nuvens.

– Amanhã desces à Terra. Quando ele completar sete anos, ouvirás um sininho: é chegado o tempo de voltares. Outro anjo te substituirá. Arranja um bom par de asas e parte com a minha bênção.

Theodomiرو cumpriu a ordem e veio à Terra. Enquanto descia, quase se afogou com o ar viciado, fruto da poluição. Tossiu praticamente durante todo o percurso.

– Meu Deus, como podem fazer tal coisa? Deixar que as criaturas se sufocassem desse jeito. Em nome de que?

Conferindo o endereço que lhe fora dado por S. Pedro, à saída do Céu, facilmente encontrou a casa do CADU, pois, modéstia à parte, era anjo esperto e tinha noção de direção. Entrou e logo viu o berço esplêndido, ornado de fitinhas e guizos, os quais tilintavam, quando o menino se mexia, despertando-lhe a atenção e a curiosidade. Theodomiرو subiu para o leito e nele se aninhou ao lado do menino, sentindo a maciez do colchãozinho e o calor do cobertorzinho que o cobria.

– Gostoso estar assim. No Céu ninguém nasce. Os anjos são criados. Desde o começo do mundo. Nenhum jamais gozou daquelas fofuras deliciosas, nem daqueles calores repousantes... Era voar o dia inteiro ou surfar em nuvens. Cantos e orações o dia inteiro em louvor do Criador. .

Ele dava a impressão de que já não mais se alegrava, mas, sim, se aborrecia com eles. E com os pedidos dos homens e mulheres da Terra ?....

Seus pensamentos foram interrompidos, quando do bercinho se aproximou uma senhora, certamente a mãe do Cadu, que o tomou no colo, o acordou com uma canção sussurrada e lhe deu o seio a mamar.

Theodomiro ficou olhando aquela cena cheia de ternura e comoveu-se. Quase chorou. Não tivera mãe que o aninhasse ao colo, nem o aleitasse. Afinal, fora criado anjo. Sem carne, osso ou sangue. Uma sombra por assim dizer.

Quando o menino se cansou de mamar ou se satisfez, Theodomiro, sendo invisível, resolveu experimentar. E, pela primeira vez, provou o sabor do leite materno. Sabor que jamais esqueceria, sabor que ansiava por de novo provar. Como, na verdade, o fez, sempre que o menino era amamentado. Quando Cadu passou a intercalar o seio materno com as mamadeiras, Theodomiro não vacilou: saboreava ambos.

E, quando lhe vinha algum remorso de estar cometendo falta, afastava o pensamento e justificava: Não sou eu o seu anjo da guarda? Não tenho de zelar pela saúde física e moral? Se ele for envenenado, de quem será a culpa? Tenho, pois, o direito e o dever de provar toda a sua alimentação. Pelo bem da sua saúde e pela segurança da sua frágil vida.

Cadu crescia e Theodomiro sempre ao seu lado. Vieram as papinhas, as sopinhas, as frutas, as bolachinhas, os chocolates, os sorvetes, as pipocas, os pastéis, as empadinhas, os refrigerantes, as refeições. Depois as festinhas com bolos, tortas, miudinhos, salgadinhos, guaraná, pizzas, calzonnes. Em seguida as merendas do jardim de infância.

Theodomiro, acostumado com os jejuns pantagruélicos do Céu, já não se contentava com as sobras do Cadu. Invadia a geladeira, o guarda-

comidas. Nas festas, afanava pedaços de torta, de bolos, taças de sorvetes, refrigerantes e ia devorá-los, escondido, sozinho num canto sossegado, longe das vistas de todos e, principalmente, da do seu protegido, cuja guarda relaxava, valendo-se dela apenas para satisfazer a sua gulodice.

À noite, empanturrado, tinha pesadelos. Acordava banhado de suor. Apavorava-se com a ideia de que estivesse cedendo, cada vez mais à gula. E, arrependido, passava as noites prometendo nunca mais tocar em nada, afastar-se da boa mesa, viver em jejum. Mas no dia seguinte, o cheiro do café recém-passado toldava-lhe a lembrança das promessas, corrompia-lhe a força de vontade e ele se banqueteara no desjejum do protegido.

O pior, porém, não era só o pecado da gula. Outros se somavam a ele. Omissão da guarda; irresponsabilidade pelos atos; furto. Sim, pois cada vez sumiam mais coisas da geladeira, do guarda-comida, da despensa, das mesas dos aniversários. Juquinha levava a culpa e o castigo, por mais que protestasse inocência. Mas como provar a sua inocência, se as roupas apareciam sujas de doces, pingadas de sorvetes, enodoadas de frutas?

Por não poder esclarecer este comportamento, Cadu perdeu de ganhar a sua primeira bicicleta de duas rodas. Fato aprovado por Theodomiro:

“Temeridade dar tal veículo a uma criança em meio a esta loucura infernal do trânsito, pondo-lhe em risco a vida”. Theodomiro se tornava humanamente racional. “Mais tranquilo, ainda que poluidor, passear de carro com os pais.”

É que durante tais passeios não faltavam as pipocas, os sorvetes, as empadinhas. Vez por outra, barras de chocolate. E Theodomiro, sorratamente, abocanhando a sua parte.

Às vésperas dos sete anos de Cadu, os pais preparavam-lhe uma enorme festinha, tendo contratado doceiras e cozinheiras para a recepção, que ofereciam aos amiguinhos do filho. Theodomiro se continha para não passar o dedão nas coberturas das tortas; furtar morangos com nata; empanzinar-se com os recheios dos marrecos, dos frangos e das tainhas; embriagar-se de

refrigerantes. Nem dormiu, naquela noite, agoniado pelo nascer do dia, o dia da festa.

Às seis horas, quando os pais foram acordar Cadu para os cumprimentos e a entrega de presentes, ouviu o sininho. Ganhou um susto. Correu-lhe um frio na barriga. Chamavam-no de volta ao Céu. Logo agora! Puxa, o tempo tinha corrido tão depressa, que nem sentira. Chegara a hora de prestar contas ao Senhor.

Apavorou-se. Como se apresentar assim? Correu ao banheiro para se arrumar.

Mirou-se no espelho e viu um ser balofo, cabelos desarrumados, olheiras de sapo, bochechas caídas, pão no queixo, rosquinhas no pescoço, peito caído, barriga saltada, pernas cheias de varizes, pés encardidos nas sandálias acalcanhadas. Estava super obeso. Passou a mão no rosto e sentiu a barba por fazer e os bigodões mexicanos, caindo pelos cantos da boca, onde os dentes cariados mal se escondiam.

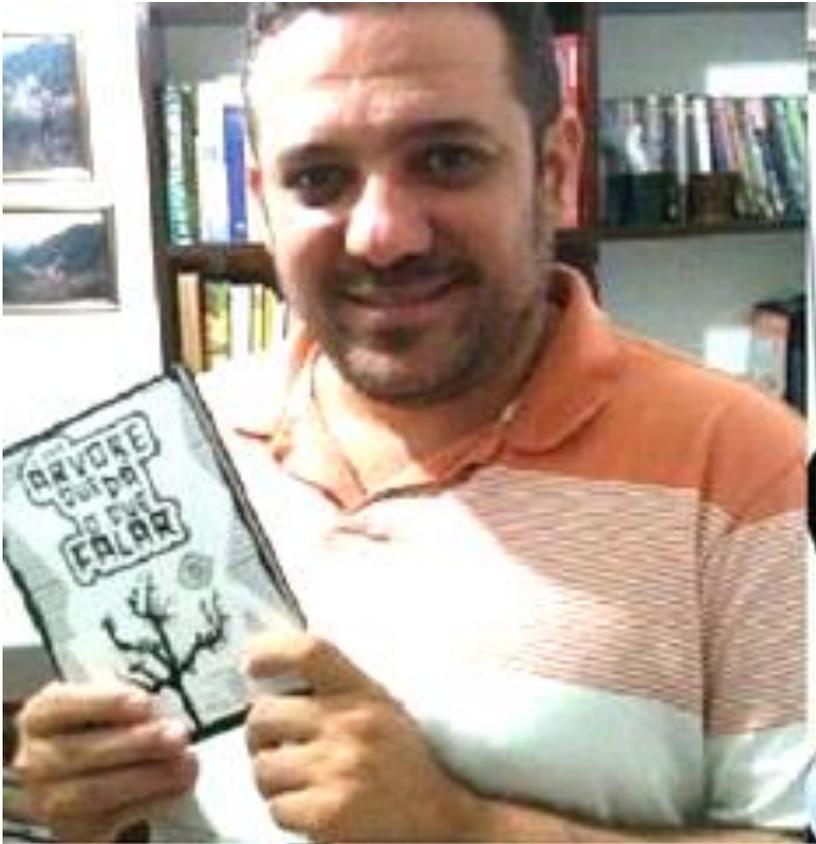
Temeu o Senhor e tratou de ajeitar-se.

Procurou o cordão da cintura e não lhe servia mais na cintura. Examinou a bata suja, engordurada, manchada de comidas. Engoliu em seco. E agora? Tinha de enfrentar. Desse no que desse. O sininho soou novamente. Olhou tristemente para o seu protegido. Deu-lhe adeus e desejou felicidades pelo aniversário.

Concentrou-se. Bateu as asas. Elas ruflaram de par em par. Mas devido ao peso não conseguiram elevá-lo de volta ao Céu.

– Volta pro Céu ou não, crianças?

JURA ARRUDA



Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

É também editor, diretor da Editora Areia, de Joinville.



A SAGA DE UM SAPO CHAMADO FRITZ

Livros 1 e 2

1: Fritz, um sapo nas terras do príncipe

Na Alemanha, havia um **Frosch**, digo, um sapo. Ele foi para o Brasil para ser príncipe. Bem, isso é o que ele achava, mas teve de enfrentar tanta desventura que só vendo. Vire a página e comece a história do Fritz, **eine Frosch**... Hum-hum, um sapo nas terras do príncipe.

Um dia, Fritz ouviu falar sobre as terras do príncipe. Ele, que tinha mania de realeza, logo achou que, se fosse para lá, se transformaria em príncipe. Sem titubear, pulou para dentro de um navio. Sapo, mais do que príncipe, pula com facilidade, você sabe.

O navio partiu numa viagem muito longa. Sapo gosta mesmo é de viver no molhado, mas dentro do **Schiff**, quer dizer, do navio, era praticamente seco. Lá fora havia um mundo de água, mas, puxa! Tão difícil de alcançar. Fritz, morto de sede, olhava para o mar e engolia a seco. Dava até pena. Mas gente não costuma ter pena de sapo e quando ele ouviu algumas pessoas se aproximarem, pulou e foi se esconder atrás de um enorme saco de **Mehl**, digo, farinha... Não consigo parar de usar palavras em alemão: força do hábito.

Dentro do saco, Fritz engoliu tanta farinha e se enfarinhou tanto que parecia um fantasma. Só dava pra ver os olhos grandes abrindo e fechando. Ele encostou-se num canto e ficou imóvel, para não chamar a atenção de ninguém. E **Frosch**... Ai, sapo, sabe fazer isso muito bem.

- Hei! Sapinho! Venha cá! - Disse Walter, um carpinteiro que vinha para as terras do príncipe construir casas. - Está com fome?

Fritz piscou os olhos, porque é assim que sapo diz sim. O homem entendeu e entregou-lhe um pedaço de pão.

O pão grudou na boca do sapo de um jeito que não queria sair mais. Walter percebeu e serviu-lhe um pouco de água. Fritz aproximou-se da cuia e pulou. Ali nasceu uma bela amizade.

Depois de 67 dias de viagem, eles chegaram ao Brasil. Fritz e Walter desceram juntos no porto de São Francisco do Sul, sob um calor muito forte. Gentilmente Walter jogou um pouco de água sobre o sapo.

Mal pisaram em terra firme, embarcaram em um navio menor para continuar a viagem até as terras do príncipe. Ufa!

O lugar era bem diferente do que Fritz imaginava, e parece que era diferente do que as pessoas imaginavam também. Todos olhavam espantados para a mata enorme, sem dizer uma palavra. Não havia **Häuser** nem **Strassen**... Você sabe: casas nem ruas. De repente, um trovão se ouviu. E no mesmo instante, começou uma forte chuva. Fritz sentiu-se bem. Abriu a boca e bebeu da água que caía do céu. Curioso sobre a nova terra, Walter esqueceu de Fritz. Satisfeito com seu banho de chuva, Fritz não se lembrou de Walter. O sapo alemão caminhou pela margem do rio brasileiro esquecido da vida. Passou por diferentes lugares e até por um sítio de sambaqui, onde velhas conchas e pedras machucavam seus pés.

Também, pudera! **Frosch** não usa **Schuh**.

Durante o passeio, Fritz caiu na real, e ficou muito do chateado ao lembrar que chegara ao Brasil e necas de virar príncipe. “As terras do príncipe não são assim tão boas”, pensou. Enquanto pensava e chutava coquinho, Fritz não percebeu que um sapo amarelo se aproximara. Quem passasse por ali àquela hora, só ouviria o coaxar dos dois.

Mas na verdade, Fritz ria da aparência do sapinho e o sapinho, por sua vez, reclamava irritado:

– Do que você está rindo?

– Da sua fantasia. Muito engraçada.

– Não é uma fantasia! - Respondeu o sapo amarelo.

Neste momento, Fritz parou de rir e a chuva parou de cair.

Enquanto o sapinho amarelo falava sobre a riqueza da fauna brasileira, Fritz viu sair de cada canto da mata um sapo diferente. Ele olhou em silêncio para cada um deles e, sem ninguém entender, desembestou a chorar. Como ele podia pretender se tornar príncipe, se os sapos que nasceram ali não são?

Teimoso como só um sapo pode ser, Fritz pôs na cabeça que seria príncipe. Muito decidido gritou: “Vocês nasceram para ser sapos e sempre serão sapos. Mas eu tenho um sonho e vou realizá-lo”.

Um sapo velho e desbotado adiantou-se e falou com sua voz cansada:

– Garoto, você não sabe das coisas. Sapos, sapos são. O orgulho de virar príncipe pertence aos homens.

O coaxar do velho sapo fez Fritz lembrar de Walter.

– Eu tenho um amigo homem!

Fritz saiu correndo... Digo, pulando para encontrar o seu amigo.

E logo a noite caiu sobre as terras do príncipe.

As construções estavam bem adiantadas e algumas famílias já começavam a plantar. Em breve o lugar receberia o nome de Colônia Dona Francisca. Walter deitou na margem do rio para descansar. Fritz aproximou-se e até quis falar sobre seu desejo de tornar-se príncipe, mas fala de sapo é o coaxar e os homens não entendem o que não é palavra. O velho carpinteiro até percebeu a inquietação de Fritz e bem que tentou saber o que ele queria dizer, mas não conseguiu.

Mais tarde, Fritz apareceu com uma coroa de ramos na cabeça, para mostrar que queria ser **Prinz...** Príncipe. A coroa era um pouco maior que a cabeça e cobria os olhos do sapríncipe. Guilherme, um jovem norueguês, que viajara no mesmo navio, gritou para Walter:

– Olha só o sapo! Quer ser príncipe.

Fritz sorriu confiante.

Walter pegou o sapinho com cuidado e falou:

– Parece mesmo um **Prinz**, pena que não é gente para ser um **echter Prinz...** Isso quer dizer, ser um príncipe de verdade.

O ramo de coroa murchou na cabeça de Fritz e pela primeira vez um sapo andou em vez de pular. Por mais de um ano ninguém ouviu falar de Fritz. Ninguém sabia onde tinha ido parar **die Frosch** que queria virar **Prinz**.

Walter chegou a comentar sobre Fritz em uma carta para sua família da Alemanha.

“Mein familie,

Já faz um ano que eu cheguei no Brasil.

A vida aqui é muito difícil. Pouco conforto e muito trabalho. Mas é um lugar bonito. Vocês precisam conhecer! Fiz algumas amizades na viagem. Conheci também um sapo. Isso mesmo! Um sapo muito especial, só faltava falar. Parecia que a qualquer hora ia se transformar em príncipe. Mas, infelizmente, ele sumiu.

Como disse, a vida aqui é difícil, mas a colônia está crescendo, vai virar cidade e vai receber um novo nome. Pena que meu amigo sapo não está aqui! Porque, hoje, nós vamos fazer uma festa para comemorar.”

Houve uma grande comemoração entre os imigrantes. Chegava ao fim a Colônia Dona Francisca para nascer a cidade de Joinville. Todos beberam e comeram

bastante. Até os animais saíram da mata para participar daquela alegria toda. As pessoas dançavam e cantavam sem parar, mas Fritz não apareceu.

Dois meses depois, a cidade continuava sendo construída a todo vapor. Os imigrantes trabalhavam muito. E nesse clima de trabalho aconteceu algo que mudaria a história da cidade e de todos os bichos que viviam ali: Guilherme estava cuidando dos cavalos quando algumas madeiras do estábulo começaram a ceder. Não demorou e a construção caiu sobre o norueguês. Na confusão, Fritz reapareceu. Quando viu Guilherme caído, saiu pulando com muita agilidade para **Hilfe rufen...** Digo, pedir socorro.

A primeira pessoa que ele encontrou foi Walter, e apesar da saudade, eles mal se cumprimentaram. Fritz tinha pressa e nem pôde contar que havia passado um ano inteiro andando sozinho pelas matas da **Stadt**, digo, cidade. O sapo coaxou desesperado para avisar a situação de Guilherme. Walter não podia entender seu coaxar, mas percebeu que algo sério estava acontecendo, porque os olhos de Fritz demonstravam urgência. O Sapo pulou de volta ao estábulo e Walter o seguiu.

Quando chegaram, Walter foi logo tirando as tábuas de cima do norueguês. Não demorou e várias outras pessoas chegaram, entre elas, Wolf, um médico suíço que tomou conta de Guilherme. Quando todos foram agradecer a Walter por sua atitude, ele apontou para Fritz, **die deutsche Frosch**, e disse:

– Quem salvou a vida de Guilherme, foi meu amigo, o sapo.

A partir daquele dia, Fritz ganhou o título de príncipe, devido ao seu heroísmo e honra. E ficou muito feliz, porque sapo que vira príncipe fica mesmo muito feliz.

2: Fritz, olha o trem!

Ele andava pela cidade como um nobre, ou melhor, pulava como um verdadeiro sapo nobre, um sapríncipe.

De tanto sentir-se especial, por ser um sapo príncipe e ter uma coroa na cabeça, Fritz, andava de cabeça erguida pelas ruas da cidade. De tão erguida não viu onde pisava. Pisou no que não era chão e caiu. Dez metros de queda livre. Chegou no fundo e tocou uma terra mole e úmida

– Que buraco escuro! E ainda é dia.

Como aquele batráquio poderia sair dali? É certo que sapo sabe pular muito bem, mas nunca houve sapo que conseguisse pular **so hoch**, digo, tão alto, para sair de um buraco de 10 metros de profundidade. Coachar tão pouco adiantou. Depois de lutar um bocado, Fritz desistiu.

Quem saberia decifrar sua angústia?

Sabe o que é pior do que você estar preso em um buraco fundo e escuro? É começar a chover quando você está preso em um buraco fundo e escuro.

Fritz lembrou de seus **alte Freunde**, os velhos amigos da viagem de navio que o levaram da Alemanha para o Brasil. Lembrou dos sapos brasileiros que conheceu na chegada e de quando ganhou o título de príncipe, por ter ajudado a salvar o jovem Guilherme, que ficara preso sob as madeiras de uma construção.

De tanta lembrança, lembrou que andar com o nariz empinado não é nada bom. Como se diz em alemão: **Wer nach oben schaut, fällt in das Loch**, quem olha para cima, pode cair no buraco.

A chuva aumentou, os pingos eram maiores e mais pesados. A água, agora, escorria pelas paredes. Fritz agarrou-se como pode e tinha tanto medo de morrer que seu coração

disparou, sua respiração ficou ofegante e seus músculos doíam.

– Espera! O que é isso? O que está acontecendo? – Fritz olhou para baixo e viu que a água estava subindo.

– **Mein Gott!** E eu também! – gritou.

Fritz estava boiando e isso poderia salvar sua vida. O buraco enchia e Fritz subia, subia, subia. Uma esperança acendeu nos olhos do sapo. Fritz tinha boa lembrança da chuva. Foi ela que o recebeu quando ele chegou a Joinville, foi ela que matou sua sede. Agora, a chuva ajudava-o novamente.

Meio atordoado, Fritz não sabia se aquela chuva caía mesmo ou se era só sua mente cansada e confusa fazendo-o lembrar da chuva que o salvou.

Der Frosch wurde ohnmächtig, o sapo desmaiou.

Quando recobrou a consciência, sentiu o sol forte queimar-lhe a cara. Fritz não estava mais no buraco. Estava em uma rua com grande movimentação. Carroças e pessoas passavam por ele. Não se deu conta, mas havia perdido sua coroa. Coroas não fazem falta, quando o coração é nobre.

O sapo olhou para os lados e não reconheceu o lugar.

– Não foi aqui que eu caí.

Não foi mesmo. Fritz estava agora perto de uma **Bahnhof**, digo, uma estação de trem. Ele que mal sabia o que era isso. Ficou curioso. Oras, que ficou o quê! Sapo não fica, sapo é curioso. Fritz ouviu perto de si um pai ensinando ao filho e aproveitou para aprender também.

– Estação ferroviária é onde os trens chegam.

– Como um porto? – perguntou o filho.

– Sim. Mas em vez de água, tem trilhos. E em vez de navios, chegam trens.

– Como as coisas mudaram – pensou Fritz, enquanto já imaginava uma viagem de trem para a Alemanha, mas em seguida ouviu:

– Dá para conhecer a Europa de trem?

– Não, meu filho. Trens não atravessam oceanos. Mas dá para irmos a São Francisco do Sul, que tal?

Fritz ficou decepcionado ao saber que trens não atravessam oceanos. Em olho de sapo cabe muita decepção. O movimento na rua aumentou e todos caminhavam para a mesma direção. Curioso como sempre, Fritz seguiu-os. Para onde estariam indo? O sapríncipe chegou à estação ferroviária e espantou-se. Era uma construção grande, com uma torre bonita e bem alta. Fritz pulou até a plataforma onde as pessoas esperavam a chegada do primeiro **die Eisenbahn**, você sabe, trem.

Atrapalhado pelas pernas no caminho, Fritz não conseguia ver muita coisa. Decidiu procurar um lugar melhor. O doido foi até o trilho e se ajeitou, bem do folgado, em um dos dormentes.

Foi aí que aconteceu.

Quando ele olhou de novo para a plataforma, viu os olhos arregalados mais bonitos que já tinha visto na vida!

Eram os olhos de Futrika.

O coração de Fritz quis sair pela boca e seu corpo estremeceu. Paixão faz a gente tremer? Não tinha imaginado que pudessem existir **So schöne Augen!** – Olhos tão belos! Mas, o que era aquilo? Os olhos dela arregalavam-se cada vez mais. Sua boca abria-se cada vez mais. Ela gritou.

– Olha o Treeeeeeeeeeem!

Não era de amor que Fritz tremia, era pela trepidação dos trilhos. Ah! Era por amor também.

Sapo pula com facilidade. O trem? Ufa! Passou.

O tempo, tão rápido quanto o trem, também passou.

Fritz e Futrika eram vistos juntos, pulando para cima e para baixo **Glücklich und verliebt** – felizes e apaixonados. Em olho de sapo cabe muito amor.

Os sapinhos enamorados tinham muitos planos, um deles era viajar de trem. Mas havia um problema: na estação de Joinville, só havia trens de carga. Trem de passageiro ainda demoraria alguns anos para passar pela cidade.

– Onde já se viu estação não ter trem? – Perguntou Futrika impaciente.

– Mas tem.

– Mas é pra carregar coisa, não gente.

Ao ouvir a palavra "gente", Fritz arregalou os olhos e disse:

– Não somos gente!

Futrika, com os olhos brilhantes, coaxou animada:

– Fritz, você é o máximo! Se não somos gente, podemos viajar em trem de carga.

Fritz inchou feliz.

– Um dia, Futrika, eu quis ser gente e virar príncipe. Fiquei triste quando soube que eu seria sempre um sapo – confidenciou Fritz.

– Você é meu sapo favorito – revelou Futrika.

Ele sorriu e continuou:

– A boa notícia de ser sapo e não gente, é que posso viajar de trem de carga.

– Eu também – sorriu a sapinha apaixonada.

Bem, gente, eu nem preciso dizer que subir no vagão foi moleza para os dois, não é? Assim, Fritz e Futrika fizeram a primeira viagem juntos, de trem. Agora eles já planejam voar. Ops! Sapo voa? Quem vai dizer que não? Do Fritz a gente pode esperar **so etwas!** Você sabe, qualquer coisa!

As histórias do sapo Fritz, personagem criado por Jura Arruda, podem ser lidas em versão ilustrada por Nei Ramos. Os livros estão à venda nas livrarias. O terceiro livro chamado Fritz, Um Sapo Nas Alturas está em fase de ilustração, será lançado em 2018 e fechará a trilogia.

ELSE SANT'ANNA BRUM



Else Sant'Anna Brum nasceu em Joinville no dia 15 de agosto de 1936. Trabalhou como bancária durante 15 anos, mas finalmente seguiu sua vocação maior: o magistério, onde atuou durante 25 anos como professora alfabetizadora, e como diretora de escola. Já aposentava trabalhou como professora de Música.

Formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na FURJ-Joinville, atualmente chamada Univille. Também é pós graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Vencendo em 1986 um concurso de histórias para a infância promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, teve publicado seu primeiro livro "Miguelito Pirulito". Depois publicou "Cri-Cró" (1992) e "Retetê" (1994) e "Serelepe" (1996). De 2006 até 2012, publicou mensalmente histórias no Jornal "A Notícia. Tem também um livro de poemas, "Hóspedes do Coração".

Tomou posse na Academia Joinvilense de Letras em março de 2016.

CONTOS DIVERSOS

A MARGARIDA LILÁS

Num lugar bem longe daqui havia um campo de margaridas brancas. Todas as manhãs, o sol lançava seus raios dourados sobre elas e dizia:

- Eu me vejo em cada miolo amarelo destas brancas margaridas!

Elas, então, sorriam para o sol!

Mas, no meio de tantas margaridas sorridentes havia uma que não sorria. Vivia triste, com carinha de choro. O sol não demorou a perceber e, intrigado, mandou um de seus raios conversar com ela.

- Que acontece com você? Por que não sorri como suas irmãs?

- Ah! Raio de sol, eu vivo triste porque não estou contente com a minha cor.

- Por acaso, perguntou o raio de sol, você quer ser amarela como as margaridas do campo ao lado?

- Não, não, eu também não quero ser amarela, pois o meu miolo já é amarelo. Eu gostaria de ser lilás!

O raio de sol ficou com pena da margarida branca que não queria ser branca, pois uma vez ele também teve vontade de ser um raio de luar. Levou então para o astro-rei o desejo da margarida.

O sol ficou encabulado. Ele sabia bronzear, mas transformar branco em lilás ele não sabia. Mas lembrou de alguém que sabia.

- Vá chamar a Fada das Cores, disse ele para o raio.

Quando a fada chegou, sorriu ao conhecer o desejo da margarida branca e disse:

- Ah! É bem assim. Garanto que se ela fosse lilás, gostaria de ser branca.

Mas, como tinha todas as cores em sua palheta, não gostava de ver ninguém triste e queria retribuir ao sol toda a luz que ele lhe dava, coloriu a margarida branca deixando-a lilás.

O raio de sol sorriu pelo final feliz.

A margarida lilás abrindo um grande sorriso, agradeceu à boa fada e naquele mesmo dia mudou-se daquele campo de margaridas brancas para formar outro campo de margaridas da sua cor, deixando ainda mais belo e colorido aquele lugar!

FUTEBOL NA FLORESTA

O macaco Jaroslau foi criado na cidade desde bem pequeno. Levado por um caçador que o roubou de sua mãe, conseguiu fugir, indo parar na casa de uma família que vivia para o esporte. Bem tratado, resolveu ficar para aprender sobre a vida dos homens.

O filho mais novo da família, menino ainda, jogava futebol num time infantil da cidade. Com ele o macaco passava horas brincando e aprendeu a jogar futebol.

Certa vez a família foi fazer um piquenique num parque que ficava ao lado de uma floresta e o macaco, curioso como ele só, aventurou-se sozinho por uma trilha indo parar no meio da floresta onde encontrou outros macacos que o convenceram a ficar ali.

Jaroslau achou interessante ficar junto aos seus iguais, mas antes voltou correndo até o parque para se despedir da família que o havia acolhido com tanto carinho. A despedida foi dura, mas eles aceitaram a decisão que o macaco tomou.

Jaroslau era muito comunicativo e não demorou a fazer amizade com a bicharada. Liderou, então um movimento em favor da prática do esporte entre os bichos, principalmente o futebol do qual ele entendia bastante.

Tanto fez, que um dia o leão, que é o rei dos animais, assinou um decreto para que os bichos da floresta formassem seus times de futebol, pois ele queria promover um campeonato. Foi um reboiço, mas em pouco tempo apareceu o resultado. Bichos grandes e pequenos logo se estruturaram. Jaroslau, que era presidente do time dos macacos, propôs que houvesse um desfile para a apresentação das equipes.

- É claro, falou o papagaio Galvãozinho. Onde se viu um campeonato sem desfile de abertura? Imediatamente colocou-se como locutor oficial. Os bichos foram unânimes em aceitá-lo pois falar bem e bonito como Galvãozinho ninguém mais naquela floresta sabia!

No dia do desfile, o sol espalhou bem cedo seus raios no grande estádio que o leão mandara construir. Era um espaço grande com largas arquibancadas e árvores para abrigar torcedores de espécies que não jogavam, como pássaros, insetos e os bichinhos miúdos.

Nas arquibancadas as bandeiras eram agitadas ao som de alegres fanfarras. Era bonito ver o esmero dos participantes tanto nos uniformes coloridos como no modo de desfilar. O rei assistia a tudo, satisfeito por ter tido tão bela ideia. Após o desfile ele fez um pequeno discurso e declarou abertos os jogos que duraram três dias.

Galvãozinho lá estava de microfone em punho irradiando os jogos e comentando sobre a alegria das torcidas que vibravam pelos jogadores. Tudo no maior respeito.

Um time que se destacou foi o dos burros. O goleiro, um burro bonito e forte com calção preto e blusa branca, chamava a atenção pela elegância. Ao ser entrevistado falou com toda a modéstia:

- Ora, ora, eu sou um burro, mas sou inteligente! Pratico esportes desde pequeno!

E sabem de uma coisa? O time dele foi campeão e ele ganhou a medalha especial de melhor goleiro do campeonato.

- Ai, ai, ai, disse uma girafa esticando ainda mais o seu comprido pescoço. Este mundo está mesmo virado! Imaginem, um burro ganhando medalha!

Leãozinho, o príncipe da floresta, falou para dona Girafa:

- A senhora está precisando conhecer a diferença entre burros e burros!

- Isto mesmo, falou o macaco Jaroslau, e a senhora, dona Girafa, precisa procurar um esporte que seja do seu gosto e praticá-lo! Que tal no próximo campeonato um time feminino de girafas? As girafinhas que estavam ao redor aplaudiram com entusiasmo!

O JARDIM ENCANTADO

Era uma vez um jardim que vivia triste por estar abandonado. Seu maior desejo era ver-se cheio de flores. Então ele fez um pedido à Fada da Beleza para que, de onde ela estivesse, procurasse ajudá-lo. A Beleza existe, pensava ele, e eu não posso ficar sem ela.

Certo dia, ele acordou e viu um enorme caminhão parado e gente que ia e vinha, trazendo coisas para dentro da casa que ficava nos fundos. Seu coração bateu apressado. Aquela noite quase não dormiu.

Na manhã seguinte, um belo carro chegou trazendo uma família para morar na casa. A alegria do jardim aumentou quando viu descer, além do pai e da mãe, uma menina de cabelos loiros que brilhavam como o sol. Tanta beleza assim levou o jardim a lembrar do pedido feito à Fada da Beleza. Certamente ela atendera o seu desejo. Naquela tarde, o pai e a mãe estavam no jardim dando ordens ao jardineiro:

- Queremos que este jardim seja especial. Nossa filha Rafaela gosta muito de flores.

- Podem ficar tranquilos. Este será o jardim mais bonito da redondeza!

Rafaela gostou do jardineiro. Ele era um pouquinho só maior que ela. Parecia um dos anões da história da Branca de Neve. Seu nome era Rosmaninho.

- Que nome diferente o seu, disse Rafaela.

- É o nome de uma flor. Meus pais eram portugueses. No Brasil, o Rosmaninho é conhecido como Alecrim.

Rafaela pensou no coral da escola onde cantava:

*“Alecrim, alecrim dourado
que nasceu no campo
sem ser semeado...”*

Algum tempo depois, o jardim se transformou num verdadeiro festival de flores. Só podia ser assim, pois o jardineiro era afilhado da Fada da Beleza!

- Você é um mágico, exclamou a menina. Como deixou este jardim limpo e florido tão depressa?

- É que eu tenho ajudantes, Rafaela. Venha esta noite que vou lhe contar alguns segredos.

À noite, Rafaela ficou maravilhada com o que viu. O luar deixou o jardim iluminado. Rosmaninho estalou os dedos e muitos anõezinhos surgiram de todos os lados.

- Ao trabalho! disse um deles. À meia-noite a Fada da beleza virá visitar o jardim.

Quando o relógio da sala bateu doze badaladas, Rafaela viu a Fada chegar numa linda folha verde puxada por duas libélulas. Como era graciosa!

- Este jardim é encantado, disse a fada para a menina. Neste recanto você verá maravilhas.

Rafaela bateu palmas e agradeceu à linda Fada. Rosmaninho pediu para a menina olhar os canteiros no outro dia pela manhã.

A menina acordou cedo, tomou seu café e correu para o jardim.

Ele estava lindo! Conversando com Rosmaninho, Rafaela perguntou:

- De onde vem a beleza?

Rosmaninho respondeu:

- A beleza vem de Deus, Rafaela. Ele criou todas as coisas belas.

Tudo o que ela havia desejado estava acontecendo. O jardim estava feliz!

Jornais e revistas publicaram suas fotos. Ele recebeu prêmios que Rafaela guarda com carinho. Na cidade onde ela mora, há a Festa das Flores e são premiados os jardins mais bonitos. Porém o segredo daquele jardim, o encanto e a magia de suas noites, só são conhecidos por duas pessoas: Rosmaninho e Rafaela, em cujas almas sensíveis a fantasia tem lugar para morar e há a consciência de que a beleza é uma dádiva do Criador.

COLITA

Colita é uma cachorrinha muito esperta de pelo marrom claro. Recebeu esse nome assim que nasceu por ter a cauda bem pequenininha. As coisas de que Colita mais gosta são: comer pão com leite, passear e conversar. Assim que o sol aparece, ela sai para o jardim. Numa manhã, o primeiro amigo que Colita encontrou foi o Caracol.

- Bom dia, Caracol! O que anda fazendo?

- Levando, levando, levando...Levo minha casa nas costas pra lá e pra cá, mas também quando chove, só preciso me encolher e pronto. Fico tranquilo dentro dela. Não acha isso muito bom?

- Bom se todos tivessem uma casa para morar, respondeu Colita.

Logo adiante Colita encontrou a Formiga.

- Bom dia, Formiga! O que anda fazendo?

- Carregando, carregando, carregando... Carrego folhinhas e outros petiscos para fazer o pão dos meus filhos. Trabalho todo o verão. Quando chega o inverno, trazendo frio e chuva, meu formigueiro está com todo o alimento de que preciso.

Andando mais um pouco, Colita encontrou a Cigarra, que vinha voltando de uma festa com o violão nas costas.

- Olá, Cigarra! O que anda fazendo?

- Cantando, cantando, cantando... Cantar é o meu prazer. Passo a vida cantando e assim é toda a minha família.

- Ah! Pulo de alegria quando ouço você cantar anunciando o Natal de Jesus!

Colita continuou seu passeio até que escutou um zumbido. Olhou e viu uma abelha dentro de uma flor.

- Alô, Abelha! O que está fazendo?

- Sugando, sugando, sugando... Sugo o néctar das flores para fazer o meu mel. Sei o quanto ele é precioso, por isso ponho nele todo o meu carinho. Dependendo das estações do ano e das flores que encontro, faço mel com sabores diferentes.

Logo a seguir a cachorrinha viu parado no ar um bonito beija-flor.

- Bom dia, mimoso Beija-flor! O que anda fazendo?

- Catando, catando, catando... Cato musgo, palhinhas e fios para fazer meu ninho.

- Ah! Sei como é lindo o ninho dos beija-flores. É uma obra de arte! Acho que você e o João-de-barro são os pássaros que tem os ninhos mais originais.

- Piu, piu, piu – escutou Colita – e à sua frente apareceu um pintinho tão amarelo que parecia uma gema de ovo.

- Bom dia, amigo Pintinho! O que anda inventando?

- Ciscando, ciscando, ciscando... Já estou crescendo e sei procurar sozinho o que comer. Mamãe me ensinou que ciscando e revirando as folhas no chão a gente encontra muitos petiscos gostosos!

Bem no final do jardim, num caramanchão ao lado do poço, Colita encontrou um Louva-a-Deus, de mãos postas e olhos para o céu.

- Bom dia, senhor Louva-a-Deus! O que está fazendo?

- Louvando, louvando, louvando... Louvo a Deus por este mundo tão bonito que Ele criou. E você, cachorrinha, o que anda fazendo?

- Conversando, conversando, conversando... Gosto de conversar. Hoje conversei com vários amigos e vi que cada um tem o que fazer. Mas senhor Louva-a-Deus, vou indo para casa porque a fome está batendo e meu estômago já está roncando, roncando, roncando...

Bem naquele momento ela escutou sua dona chamando:

- Coliiiiita! E saiu em disparada!

A BOLA FALANTE

Todos os dias a criançada daquele edifício brincava animada. Pulavam corda, jogavam amarelinha, batiam peteca, faziam roda cantando lindas cantigas, brincavam de passar anel e muitas outras coisas.

Naquela tarde, Carolina e Amanda que comandavam a turminha deram a ordem:

- Hoje cada um vai dizer um provérbio.

- Tá bom, disseram juntos João Paulo e João Pedro, mas primeiro os meninos.

- “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

- “De pequenino é que se torce o pepino”.

- Você Carolina, falou João Pedro.

- “Barco parado não ganha frete”.

Amanda continuou:

- “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”.

Bruna :

- “Gato escaldado tem medo de água fria”.

- Eu não sei nenhum, falou Cecília, a menorzinha da turma.

- Muito bem, disse João Paulo, já deu, já deu, vamos pra outra. Vou ensinar uma brincadeira que minha avó me ensinou: Bento que Bento Frade.

- Como é isso? Bruna perguntou muito interessada.

- É assim: o “mestre” pede e a gente junta folhas de árvores e com elas faz uma bola. Eu sou o “mestre”. Eu pergunto e vocês respondem a última palavra que eu disser. Vamos lá?

- Vamos, vamos, responderam todos.

E João Paulo, como “mestre”, começou:

- Bento que Bento Frade!

- Frade!

- Onde quereis que eu brade?

- Brade!

- Na boca do forno!

- Forno!

- Tirando bolo!

- Bolo!

- Farão o que o “mestre” mandar?

- Faremos!

- Correndo, correndo, buscar uma folhinha de laranjeira.

Todos correram e trouxeram a folha pedida. Assim foram repetidas as ordens e vieram folhas de goiaba, pitanga, rosa, capim, grama, bem-me-quer, etc... até que aos pés do “mestre” amontoaram vários tipos de folhas. Com elas encheram uma meia velha, formando uma bola.

- E agora o que é que a gente faz? perguntou Amanda.

- Agora alguém esconde a bola e os outros vão procurar.

Carolina foi esconder a bola. Quem a encontrou foi Cecília. Pegou com tanta força pela alegria de tê-la achado que ficou assustada quando ouviu a bola dizer: ai!

- A bola falou, disse ela.

As outras crianças não acreditaram e uma por uma pegou a bola apertando-a nas mãos. A cada aperto, se ouvia um “ai”!

- Tem alguma coisa aí dentro dessa bola, falou João Pedro.

Abriram a bola com muito cuidado. Para surpresa deles encontraram uma lagarta verde que, agradecendo a gentileza de terem-na libertado, transformou-se numa linda borboleta colorida.

As crianças ficaram encantadas com a metamorfose que presenciaram.

A borboleta então saiu voando graciosamente e voltando-se para as crianças falou:

- Adeus meus queridos! Continuem a brincadeira e não se esqueçam de mim!

O CAFÉ DO BARNABÉ

Aquele macaco era esperto como todos de sua raça e muito trabalhador. Passava cedinho oferecendo sua mercadoria:

- Café quentinho torrado e moído hoje! É o mais gostoso que existe! Venham comprar!

A bicharada corria para comprar. A cada dia aumentava o número de fregueses, pois um bicho ia contando e elogiando para outro a delícia que era o café do Macaco Barnabé.

A Coelha contou pra Gata, que contou pra Rata, que contou pra Vaca, que contou pra Galinha, que contou pro Jabuti, que contou pro Bem-Te-Vi, que num segundo contou pra todo mundo!

Mas a novidade que a Tartaruga contou para toda a cidade é que Dona Macaca iria oferecer um café especial com bolos, broinhas, beijos, cucas e rosquinhas.

No dia marcado vocês nem imaginam quantos bichos apareceram com suas famílias! O repórter do Jornal local anotou

e fotografou para sua coluna: a Anta, o Burro, a Cabra, o Dragão, o Elefante, a Foca, a Girafa, o Hipopótamo, a Irara, o Jacaré, o Leão, o Novilho, a Onça, o Porco, a Queixada, o Rato, o Sapo, o Tatu, o Urso, a Vaca, o Xenxém e a Zebra.

Ao lado dessa bicharada via-se ainda abelhas, pássaros, borboletas, grilos, lagartas e até mamangavas!

Antes de servir suas delícias, Dona Macaca e seu marido Barnabé convidaram todos a passarem para um lindo gramado nos fundos da casa onde houve um jogo de futebol.

- Para movimentarmos o corpo, disse Barnabé. Esporte é muito importante para a saúde.

As crianças foram convidadas para brincar de roda. Foi bonito ver os pequenos de mãos dadas cantando:

*Roda Cotia
De noite e de dia
O galo cantou
E a casa caía!*

- Como é gostosa essa brincadeira, falou Vovó Ursa ao ver os pequenos se esparramando no chão quando “a casa caía”.

- Isso é mais velho que a minha tataravó, comentou Dona Zebra, mas não há quem não goste!

- Que tal a gente também fazer uma roda? convidou Dona Sapa.

- Isso mesmo! Vamos lá, agitou Dona Foca.

Era engraçado ver a bicharada grande rolar no chão quando “a casa caía” mas não conseguirem levantar depressa para recomeçar a roda.

Depois de todos terem se divertido, Dona Macaca bateu um sino chamando para o café.

- Hmmmmmm! Quem não gosta destas delícias, dizia Dona Girafa arregalando os olhos e esticando ainda mais o seu comprido pescoço. A alegria era geral diante de tanta fartura.

A hora foi passando e os convidados fartos com tantos quitutes foram se retirando. Durante muito tempo se comentou

naquele lugar o sucesso do Café de Dona Macaca, pois ela serviu aos convidados o café trazido por seu marido, o Macaco Barnabé, que conseguiu provar para todos que realmente vendia o melhor café do mundo!

MILTON MACIEL



O acadêmico Milton Maciel, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, pianista e compositor, é gaúcho da fronteira.

Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e

consultor; e 4 anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2007-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista, escritor e ghost writer.

Tem, até o momento, 36 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”.

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019.

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciell>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel>

“A Princesinha quer dançar” é um longo poema escrito da meia noite às 6 da manhã em Maceió, para sua filhinha de 6 anos Samantha, que adorava dançar e tinha viajado, com sua mãe Terezinha e seu irmão Juliano, para São Paulo, para lá passarem 20 dias, revendo a família e a cidade natal deles. Foi saudade pura!

A PRINCESINHA QUER DANÇAR

No alto de um penhasco,
 Bem na ponta de uma ilha,
 Num palácio havia um rei
 Que tinha um filho e uma filha.

A princesinha era linda,
 De uma beleza que encanta.
 Ela adorava dançar.
 O seu nome era Samantha.

O rei era um homem gordo,
 Tinha uma barriga enorme.
 Mas ele se achava lindo,
 Com sua pança disforme.

Usava roupas de seda,
 Vaidoso como um pavão,
 Com listras na vertical,
 Disfarçando o barrigão.

Cantava mal, mas dizia
 Ter voz doce como o mel.
 E exigia ser chamado
 “*El Gran Rei Don Mabiél.*”

Esse rei intransigente,
 Um campeão do mau humor,
 Implicava com toda gente:
 Era um chato e um chateador.

Mal arranhava um teclado,
 Mas se dizia um artista.
 Era só um grande bobo,
 Mas se julgava um cientista.

O rei, ranzinza e atrevido,
 Que bom humor nunca tinha,
 Vivia pegando no pé
 Da rainha Terezinha:

“Essa menina não para,
 Só quer saber de dançar.
 Isso é uma impertinência
 Que não irei tolerar.”

“Você, que é mãe, não controla
 As vontades dessa filha.
 Mas eu hei de controlá-la
 Eu sou o rei desta ilha!”

“Não quero saber de danças!
 Saiba que muito me irrita
 Ver meneios e requebros,
 Com que a menina se agita.”

“Como detesto dançar,
 Desde já está decidido:
 De hoje em diante, no reino,
 Dançar fica proibido.”

“Mas, homem, tenha juízo”
 Disse a tranquila rainha.
 “Você não pode fazer
 Isso com nossa filhinha.”

“Tanto posso, que o faço
 E um edito baixarei:
 Está proibida a dança
 Por ordem do Grande Rei.”

Mas a rainha sabia
 (a rainha era uma santa)
 Como levar o ranzinza
 Sem prejudicar Samantha.

“Meu velho, vá com calma,
 Você tem que compreender:
 A princesa é só uma moça
 Que adora a vida viver.”

“Ela é uma jovem feliz,
Tem tanta alegria no peito!
Por isso vive dançando
E cantando – esse é seu jeito.”

“Vamos lá, tenha paciência
E uma coisa me prometa:
Não baixe esse tal decreto,
Tal loucura não cometa!”

“Está bem” – disse o monarca –
“Por ora vou tolerando.
Mas segure essa menina,
Não a quero ver dançando.”

“Muito bem, senhor esposo,
Eu agirei prontamente.
Vou pedir a nossa filha
Que não dance em sua frente.”

“Assim está bem, eu aceito,
Respeito é bom e eu gosto.
E ainda a farei não dançar,
Pode crer, nisso eu aposto.”

Ficou tranquila a rainha,
E foi com princesa falar:
“Minha filha, evite a dança
Quando o rei se aproximar.”

“Mas, mamãe, que coisa tola
Essa ideia do nosso pai.
Não deixarei de dançar,
Vê se dá um jeitinho, vai.”

“Querida, isso é arriscado,
Você sabe como é o rei.
É melhor se controlar,
Não sei se o convencerei.”

“Ah, mamãe, você é jeitosa,

Sabe o velho conduzir.
Ele é louco por você,
Fará o que você pedir.”

E a rainha foi embora,
Achando que poderia,
Com paciência, demover
O rei do que ele queria.

Mas dessa vez não deu certo:
Para sua grande surpresa,
Estava o decreto do rei
Na parede em frente à mesa!

“Impossível, ele o fez!
Eis o decreto maldito,
Ameaçando com prisão
Quem desafiar-lhe o edito.”

Ali estava bem claro,
No documento estampado:
“Está proibida a dança,
Durante o nosso reinado.”

“Certo o rei enlouqueceu!”
Pensou a rainha. E o povo!
“Precisamos, bem depressa,
Ver o príncipe de novo!”

Por certo se referiam
Ao príncipe Don Juliano,
Que, em missão no exterior,
Viajava há quase um ano.

O príncipe era um doce,
Um primor de criatura.
Sábio, tratava seu povo
Com paciência e brandura.

“Só o príncipe Don Juliano
Pode mudar nosso rei” –

Disse alguém – Vou avisá-lo,
Hoje mesmo partirei.”

Enquanto isso a princesa,
Que é dessas que não se rendem,
Desafiadora dançava:
“Quero ver se eles me prendem!”

“Menina, não faça isso!
Não piore as coisas pra gente.
Sou sua mãe e eu bem sei
Quanto o rei é intransigente.”

Mas Samantha era teimosa
Quanto seu pai era bravo:
“Pois dançado lhe mostrarei
Que aqui ninguém é escravo!”

Quando viu o seu decreto
Desafiado pela filha,
O rei tornou-se possesso
E percorreu toda a ilha.

“Certo não posso prendê-la,
O povo não perdoaria.
Além disso, gosto dela.
Não, eu nunca a prenderia.”

“Mas não posso permitir
Que essa menina imprudente
Faça de mim um palhaço
Na frente de toda gente.”

“Por isso faço esta viagem,
Todo o reino percorrendo.
E vou, com os meus soldados,
Instrumentos apreendendo.”

“Para dançar só com música!
Se eu apreendo os instrumentos,
Quero ver se vão dançar

Só com o ruído dos ventos”!

Aos músicos foi avisado:
Será preso quem tocar
E quem ousar, contra a lei,
Instrumentos improvisar.

Assim todo o reino murchou,
Sem dança e música viu-se.
Tão triste que o Conselho,
Em segredo, reuniu-se.

“Precisamos o rei deter”
– disse um Ministro de Estado.
“E como podes fazê-lo?”
Quis saber logo um Prelado.

“Ora, meus caros colegas,
Qualquer coisa aqui emperra.”
– disse um outro, perguntando:
“Cadê o Ministro da Guerra?”

“Está com o rei, em missão,
E com todos os soldados.
Estão perseguindo os músicos,
Mantendo-os intimidados.”

“É o que digo, colegas:
Esta reunião é infundada.
Se a força está com o rei,
Não podemos fazer nada.”

E os covardes se calaram
Com suas verdades eternas.
Para casa retornaram
Com o rabo enfiado entre as pernas.

Quando tudo estava perdido,
O rei voltando a palácio,
Todo o reino emudecido
E a música o pior negócio.

Quando tudo era tristeza
E enorme a desolação,
Só Samantha resistia
Com fé e determinação.

“Ah, então não temos música?
Assim mesmo hei de dançar!”
E a música que ela usava
Era o seu próprio cantar.

Era um cantar tão bonito,
Tão suave, tão harmonioso.
Que todos vinham pra ouvir
Um som tão maravilhoso.

Em silêncio todos vinham
À praça em frente ao Portal.
E ali ficavam a esperar
Aquela voz celestial.

Quando Samantha cantava,
Todos se enchiam de espanto:
“Como pode a princesinha
Possuir tão belo canto?”

O canto era calmo e belo,
Até mesmo um pouco triste.
Mas pode dizer-se agora:
É o mais lindo que existe!

Tão belo que os pássaros
Calavam-se para ouvir.
Até o vento se acalmava...
Era um mágico sentir.

Então, numa certa noite,
Estando o povo reunido,
Para ouvir sua princesa,
Sem fazer o menor ruído,

Para surpresa de todos,

Samantha desceu à praça
E, ao som de sua bela voz,
Dançou com sublime graça.

A voz e a dança cresceram,
Envolveram, coloriram
De luz e vida as pessoas
Que finalmente sorriram.

Sorriram, riram felizes,
Estavam vivas de novo!
Só porque sua princesa
Dançava para seu povo.

E então, milagre dos céus,
O povo inteiro dançou:
Crianças, velhos, mulheres,
Soldados – tudo mudou!

Quando o rei foi informado
Daquilo que acontecia,
Desceu à praça, furioso,
Com a guarda em sua companhia.

Mas a guarda também dançou!
Deram-se as mãos os soldados.
E, as mãos nas mãos do povo,
Foram da Graça tocados.

O rei e o Ministro da Guerra
Ficaram sós, a entrever:
“Meu rei, contra tal inimigo,
Não há o que eu possa fazer.”

E o rei, desmoralizado,
Ao palácio retornou.
Sozinho, na escada escura,
Uma voz suave escutou:

“Eu lhe disse, meu querido,
Sua ideia era loucura.

Agora você está sozinho.
Para que tanta amargura?"

"Por que você não aceita
A alegria que há na vida?
Por que você foi tão duro
Com nossa filha querida?"

"Para poder impedi-la
De dançar, por alegria,
Você calou todo um reino
E fez em noite o seu dia."

Assim falou a rainha.
Seus olhos, então, brilharam
E desses olhos bondosos
Duas lágrimas rolaram.

"Meu filho!" – falou, surpresa,
Ante o vulto que avançava.
O rei voltou-se também:
Era o príncipe que chegava.

"Meu pai" – disse Don Juliano,
"Que foi que lhe aconteceu?
Você perdeu o juízo,
Ou foi a fé que perdeu?"

"Foi a fé na humanidade,
Ou foi a fé em você?
Ou foi mesmo a fé em Deus?
Em que você hoje crê?"

"Esqueceu-se dos momentos
Mais suaves da existência,
Quando você me ensinava
Da música a doce essência?"

"Esqueceu-se que seus dedos
Levaram os meus ao teclado?
E que o dom da poesia

Me veio foi por seu lado?"

"Esqueceu-se da magia
Que infundiu no meu mundo,
Me ensinando Astronomia
E seu mistério profundo?"

"Ah, meu pai, mas que loucura
Isso que estou vendo agora!
Mal posso crer que é você
Esse monstro que devora."

"Devora a alma de um povo,
Devora a Dança e a Arte,
Com a força de um exército,
Com o furor de um Bonaparte."

"Agora não sei, meu pai,
O que fazemos consigo.
Mas deixe-me sugerir:
Retorne à praça comigo."

O rei, ainda hesitando,
Deixou-se levar pelo filho.
Na praça, a voz da princesa
Entoava um estribilho.

O rei foi chegando perto,
A multidão foi se abrindo.
Viu os olhos de Samantha,
Que lhe acenava, sorrindo.

Sem parar um só momento
De cantar e de dançar,
A princesa evoluía
Pela praça, a flutuar.

Sim, sua dança, tão leve,
Mais um flutuar parecia.
Enquanto dançava, cantava;
E enquanto cantava, sorria.

Era uma cena tão sublime,
Tão bela, transcendental!
Parecia até que um anjo
Dançava ante o Portal.

Então houve algo incrível:
O rei começou, dolente,
A se mover pela praça,
Num passo algo vacilante.

Aos poucos o povo todo
Foi vendo o rei se mover:
“Impossível – o rei dança!”
Algo difícil de crer...

Mas aquilo era verdade,
O rei dançava de fato.
Ao som da voz de sua filha,
Encenava um novo Ato.

Ato, talvez, de ópera,
Ou de cantata, quiçá.
Quê de coisas impossíveis,
Na alma de cada um está!

Pois o rei dançou em transe
Moveu-se com elegância,
Como seu corpo fora leve,
Como flutuasse à distância.

A princesa deu-lhe a mão,
Conduziu-o ao chafariz.
Lavou-lhe a fronte, tirou-lhe
A coroa de Flor de Lis.

Tudo isso fez sem parar
De dançar um só momento.
E, dançando, a acompanhava
O rei com encantamento.

“Cante comigo, meu pai,

Como há muito tempo atrás,
Nos dias em que você
Não sendo rei, tinha paz.”

“Cante com aquela voz suave
Que me embalou tantas vezes.
Cante e dance aqui comigo,
Façamos de vez as pazes.”

O velho rei bem tentou,
Mas a voz não lhe saía,
Embargada num soluço:
De tudo se arrependia.

E outro milagre se deu
Ante o povo estupefato:
O rei começou a cantar
E a interpretar novo ato.

Fez-se límpida sua voz,
Já todos podiam ouvir.
E em versos, de improviso,
O rei começou a abrir...

A abrir seu peito dorido
Pelo mal que havia causado.
Falou dos seus destemperos
E do quanto havia errado.

Declarou o seu amor
Pela rainha e seus filhos.
E o quanto que lhe custara
Ter que ser rei – E o que errara.

Disse amar a Astronomia
E, que a partir daquele dia,
Só a ela se dedicava
E, portanto...*abdicava!*

“Pensei, enquanto dançava,
E a uma conclusão cheguei

Ser monarca foi engano,
Não sirvo para ser rei.”

“Só usei o meu poder
Para regar meus prazeres.
Tive tudo e não logrei
Atender aos meus deveres.”

“O poder me fez mesquinho:
Fui menos rei que carrasco.
Agora vejo que é justo
Que o povo me tenha asco.”

“Mas já estou decidido:
Monarca não mais serei!
Já está na hora, meu povo
De terem um novo rei.”

“A partir de agora vou
Morar no Observatório.
Vou cultivar minhas rosas,
Viverei como um simplório.”

“Sei que nas melhores mãos
O meu reino deixarei.
A partir de hoje, então,
Juliano será seu rei.”

A multidão aplaudiu,
Pois o príncipe adorava.
“Juliano será o rei,
Bondoso que nos faltava.”

O príncipe, sim, concordou,
Era o que o povo queria.
Porém, naquele momento,
A todos surpreenderia:

“Escutem todos, lhes peço,
Por covarde não me tomem.
Porém, lhes pergunto agora:

Por que tem que ser um homem?”

“Eu não fujo dos encargos
Díficeis de os governar.
Mas quero que pensem bem
No conselho que vou dar:”

“Vocês já dispõem de um anjo
Que sempre lhes protegeu.
Minha mãe, nossa rainha,
Foi quem sempre os defendeu.”

“Sempre pensando no povo,
Os desmandos corrigindo,
A rainha foi clemente,
Co’a bondade lhes sorrindo.”

“Por isso lhes digo agora:
O trono que o rei detinha
Ficará mais adequado
Nas mãos da nossa rainha.”

“Meu filho, isso é impossível!
Nossa lei – e a tradição –
Obrigam que seja um homem
A assumir a sucessão.”

“E você, nobre Samantha,
Diga você, minha irmã:
O que julga ser melhor
Para, do reino, o amanhã?”

“Querido irmão, eu concordo
Com a vontade de nossos pais.
Assuma o trono e depois...
Bem, eis aqui o que mais:”

“Seja o rei por uns momentos.
Você sabe que, como rei,
Pode mudar qualquer regra
E pode editar qualquer lei.”

“Basta então que você faça
Uma nova lei dizendo:
‘Quem governa é a rainha’.
E pronto, está resolvendo.”

“Minha irmã, Deus a bendiga!
Você é sábia, além de bela.
Eu tinha essa enorme aflição,
Você soube resolvê-la.”

“Então esta é a vontade
De vosso rei, Don Juliano:
Terá a rainha o comando,
Será o povo o soberano.”

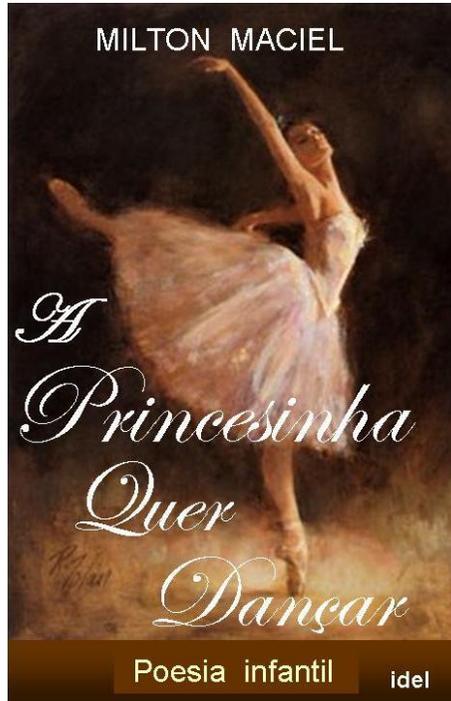
Don Juliano bem podia
Ser rei, porém não o quis.
Pensou primeiro no povo
E o povo, agora, é feliz.

Na verdade, os três governam,
O poder foi dividido.
A rainha e seus dois filhos
Fazem um governo unido.

Trata a rainha do povo,
Das casas, da Agricultura.
Juliano, da Economia.
E Samantha, da Cultura.

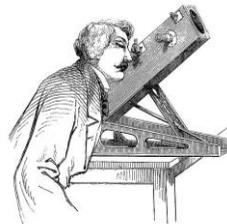
O reino agora prospera
E todos têm na lembrança:
Foi a Arte que os libertou,
A arte nobre da Dança.

Por isso esse povo Dança,
Dança em qualquer ocasião.
E, dançando, manifesta
À princesa gratidão.



Quanto ao rei Don Mabel,
Não pensem que é infeliz.
Ele agora está vivendo
A vida que sempre quis.

Emagreceu e então se fez
Astrônomo de renome.
Descobriu tantos cometas
Que um, agora, tem SEU NOME!



Escrito em 1998, “A Princesinha quer dançar” só virou livro em 2012, quando o autor morava nos Estados Unidos.

Em 2015, o autor e o escritor e dramaturgo Jura Arruda, reescreveram o texto, adaptando-o como uma peça de teatro infantil.

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

lança seu concurso para estudantes

CONCURSO LITERÁRIO “CARLOS ADAUTO VIEIRA”

Para estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio das escolas públicas e particulares da cidade de Joinville

Modalidades:

Memórias Literárias – para Ensino Fundamental, 6º a 9º anos

Conto – Para Ensino Médio

Poesia – para Ensino Médio

Premiação:

1º lugar *de cada modalidade*: medalha de ouro e prêmio em dinheiro de R\$ 500,00

2º lugar – medalha de prata

3º lugar – medalha de bronze

4º a 8º lugares – Menção honrosa

Os(as) professores(as) dos estudantes vencedores dos primeiros lugares de cada modalidade receberão um prêmio em dinheiro de 250 reais e um vale-livro no valor de 100 reais.

As três escolas vencedoras concorrerão ao sorteio de um forno de micro-ondas

Os prêmios serão entregues no dia 17 de junho próximo, no palco da FEIRA DO LIVRO de Joinville.